

OS MELHORES DE 2022

DANÇA

Não há novo normal

Democracia e pluralidade no Ballet National de Marseille com a direção dos (LA)HORDE

TEXTO CLAUDIA GALHÓS

IMAGENS: TÂNIA CARVALHO, LASSEINDRA DOHERTY, (LA)HORDE/Ballet National de Marseille

Numa mesma noite passeamos pela abrangência significativa da escrita do corpo, sem opressões nem ditaduras de juízo de valor sobre qual a abordagem artística, estética ou temática mais legitimada institucionalmente como dança artística neste século XXI. Esta é uma questão fundamental que se coloca à dança, às instituições (espaços de teatro ou companhias nacionais) e a cada pessoa enquanto participante ativa de uma sociedade.



O posicionamento político do corpo que dança

2 QUELINA MIGUEL
Miguel Pereira

A memória imaterial é uma parte substancial da cultura contemporânea. O corpo é o guardador de memórias e guarda também o esquecimento. E não é apenas no caso dos bailarinos profissionais. Quando Miguel Pereira, intérprete e coreógrafo, partilha o espetáculo com a mãe, a caminho dos 90 anos e com demência, acontece uma dança de suprema fragilidade e ternura, onde o imprevisto se torna uma viagem que todos, público incluído, partilham. Um dos mais surpreendentes imprevistos é a reativação de memórias normalmente esquecidas no quotidiano que emergem, revelando o poder mágico, emotivo, do corpo. / C.G.

3 A MINHA HISTÓRIA NÃO É IGUAL À TUA
De Companhia Olga Roriz

No mesmo ano, e com a diferença de um mês, Olga Roriz estreia duas coreografias magníficas que muito dizem da sua vitalidade, da sua vibração e da sua identidade como criadora única no nosso país. Primeiro estremo "Deste Mundo e do Outro" para a Companhia Nacional de Bailado, inspirando-se no universo de José Saramago, e depois "A Minha História Não É Igual à Tua" para o projeto CORPOEMCADEIA (do programa PARTIS, da Fundação Gulbenkian, iniciado pela bailarina Catarina Câmara), com reclusos do Estabelecimento Prisional do Linhó. / C.G.



JOSE CALDEIRA

4 CARÇAÇA
De Marco da Silva Ferreira

Há um território onde o corpo se desmonta e reformula a cada instante, como se fosse feito de partes desarticuladas de uma anatomia que reinventa os seus gestos. Está gasta a lengalenga de que Ferreira vem das danças urbanas, mas a realidade é que esse seu domínio virtuoso de uma outra forma de mexer o corpo, de o sentir, de o desarticular e rearticular é a raiz da eloquência coreográfica, num movimento revolucionário. / C.G.

5 NEVER ODD OR EVEN
De Filiz Sızanlı e Mustafa Kaplan, Sofia Dias e Vítor Roriz

Podemos entrar por esta obra magistral por várias portas — o estímulo dos sentidos, o jogo delicado e rigoroso de fontes de produção sonora ou a simplicidade requintada da partitura coreográfica. O casal Dias/Roriz junta-se aos turcos Sızanlı/Kaplan. São lançadas questões sobre desdobramentos. E surge uma outra possibilidade de entrar na obra: através das implicações artísticas, pessoais e políticas do fazer artístico. / C.G.

6 O ELEFANTE NO MEIO DA SALA
De Vânia Doutel Vaz

7 BOCA FALA TROPA
De Géo Lourenço

8 SAPO
De André de Campos

9 NÃO ESTÁS AQUI POR ACASO
De Marta Lapa, Leonor Keil, Carlos Bica

10 MIRAMAR
De Christian Rizzo

Escolhas de C.G.